

A história e as ciências sociais em tempos de novos fascismos: contornos da perseguição aos professores no Brasil

Sonia Regina Miranda

Universidade Federal de Juiz de Fora

Felipe Dias de Oliveira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Introdução. Ensinar Ciências Sociais hoje: Para que?¹

Antes de as redes sociais se converterem nas ágoras virtuais da atualidade, estas servem também à produção de guetos e à disseminação massiva de *fake news*. A operacionalização racional do uso destes elementos para a política molda eleições, conjunturas políticas e serve como emblema significativo acerca das fragilidades estruturais da moderna democracia. Já em 2016, nas eleições de Donald Trump, as vulnerabilidades do jogo democrático na relação com a produção massiva de informações duvidosas são expostas em uma candidatura que vence a legislatura com a minoria dos votos, mas com ampla participação de seus eleitores em compartilhamentos nas redes sociais (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

Mais do que no passado, agora verdade e mentira se misturam em um amálgama virtual em um primeiro momento indiferenciável, tal como a indiscriminação entre opinião particular e fatos concretos, devidamente referenciados pela pesquisa rigorosa e pela anuência de uma comunidade de investigadores. Desse modo, um dos mais graves e urgentes desafios interpostos para os professores que atuam no campo das Ciências Sociais no tempo presente envolve justamente colaborar com o desenvolvimento da autonomia do pensar de nossos estudantes, através da ancoragem na

1 Se podemos ajudar os nossos alunos a suscitar a consciência crítica e a estimular aos cidadãos que pensem por sua própria conta todos aqueles que pretendem mobilizar suas bases de sentimentos, crenças e preconceitos, e não os atributos da razão, então cabe admitir que nosso ofício vale realmente a pena. Josep Fontana

investigação referenciada de fontes, não se convertendo em marionetes nas mãos da imprensa, dos grupos de Whatsapp e da tecnologia que produz simulacros que se convertem em narrativas dominantes de caráter opinativo e baseado num relativismo estéril. Assim, segue sendo essencial refletirmos permanentemente acerca da problemática da produção de conhecimento, da produção de informações e dos modos de olhar mobilizados diante do contato com a dinâmica da realidade.

Quando a democracia entra em risco

Noticiários de todo o mundo vêm acompanhando os acontecimentos que movimentam o Brasil desde 2015, quando a irrupção de uma série de protestos vestidos em verde e amarelo – com grupos organizados através da internet, alguns ostentando bandeiras nacionais e outros saudando o suposto idílico regime militar – se converteram no estopim de um golpe parlamentar judicial e midiático, uma nova modalidade de tomada de poder que ronda a América Latina. Na verdade, já nas jornadas de 2013, quando movimentos de natureza pluriclassista tomaram as ruas, se esboçava o quadro em torno do qual estava a articulação de um grande movimento em prol da deposição do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) do poder. Ainda que pudessem ser lidas como versões tropicais dos movimentos 15M na Europa, o que se observou é que algo singularizava, já naquele contexto, o cenário brasileiro: sua conexão com “mãos invisíveis” eivadas de interesses internacionais que se zelavam, de modo particular, pela desestabilização política nacional de modo a viabilizar a reorganização das forças políticas no poder. A esse respeito, partiremos nesse texto de um instrumento heurístico que nos parece potente para compreender o cenário político brasileiro contemporâneo: o contexto de Guerra híbrida global.

Em pouco menos de uma década as conjunturas da Espanha, Catalunha e Brasil – apenas para situarmos três cenários que permitem o encontro de nossos olhares acerca dos desafios da construção democrática na contemporaneidade – modificaram-se significativamente. O Partido tributário da tradição franquista já não domina o poder na Espanha, mas sua crise institucional envolvendo a problemática do independentismo catalão trouxe à tona o fato de que, num cenário onde há presos políticos, a defesa da democracia segue como um desafio a ser enfrentado cotidianamente. Por outro lado, no caso brasileiro, um golpe parlamentar-jurídico-midiático interceptou o poder de um governo de esquerda que, pela primeira vez em 500 anos de História, aproximava o Estado brasileiro de um estado de bem estar social, ou ao menos, da construção de medidas que visavam garantir relações de maior equidade social. André Korybko (2015), concordando com Naomi Klein (2008), fala-nos de guerras híbridas como conflitos identitários provocados por agentes externos que exploram diferenças históricas, étnicas, religiosas, sócioeconômicas e geográficas em países de importância geopolítica por meio da transição de revoluções coloridas para uma guerra não convencional, a fim de desestabilizar, controlar ou influenciar projetos de infraestrutura

multipolares por meio do enfraquecimento, mudança ou reorganização do regime. (KORYBKO, 2015).

Uma aposta central nesta era da guerra híbrida é destruir para reconstruir, num modelo de guerra heterodoxo, na qual se exploram as vulnerabilidades das regiões e grupos sociais que se colocam diante de conflitos na ordem das identidades. E qual seria seu resultado principal? Um processo de *fascistização* da sociedade, fruto do uso das diferenças históricas de uma localidade para fomentar práticas violentas ao lidar com o outro. Podemos admitir a existência de problemas com esse instrumento heurístico selecionado, ou seja, a ideia da existência de uma Guerra Híbrida global? O sim e o não poderiam ser a resposta a tal pergunta. Sim, se considerarmos que a ideia em si projeta para o entendimento da sociedade uma perspectiva de passividade estrutural dos sujeitos que se veem submetidos ao imobilismo daquilo que vem desenhado de uma dimensão externa aos contextos nacionais. Não, caso considerarmos que a passividade tem que ver com uma espécie de anomia social, ou ao modo pelo qual a população vivencia os cenários de desintegração das regras sociais, elemento de interesse para nós neste trabalho pois, a partir daqui, podemos refletir sobre a construção deste tipo de passividade a partir da aprendizagem dos conceitos próprios das ciências sociais bem como um olhar sobre as perspectivas de mudança, tempo, relações sociais, cultura e controle.

Se tomarmos por referência o cenário brasileiro, observamos que as manifestações do período culminaram na deposição de uma presidente legitimamente eleita, inábil em servir aos novos interesses do grande capital (BRAZ, 2017). Movimentos semelhantes puderam ser observados, de acordo com Santos (2015) ao redor de todo o globo, balizando um novo ciclo de implantação de políticas neoliberais, desregulamentando o Estado e demonizando a existência de políticas sociais de caráter inclusivo. Como reflexo, consoante com o autor português, surge uma direita de novo tipo, marcada pela agressividade e por caminhar nos limiares da institucionalidade democrática (SANTOS, 2015).

Afora o fenômeno de o crescimento desta direita específica poder ser notado mundialmente e de se valer de táticas semelhantes, como a utilização massiva das redes sociais para a propagação de informações e organizações de protestos (ABREU e ALLEGRETTI, 2016), o caso brasileiro angaria traços específicos em virtude do processo histórico-social de entificação capitalista no país; capitalismo hiper-tardio (CHASIN, 1978), incompleto e incompletável, representado em nosso tempo pela ascensão do conservador de tipo *reacionário* (BRAZ, 2017) que constrói seus horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2016) caminhando para trás, aspirando regressir a um passado idílico, ausente de conflitos e presente apenas na memória destas camadas sociais.

Experimentamos em 2016 no Brasil uma série de eventos responsáveis por alterar a correlação de forças políticas nestas terras. A retirada da então presidente da

República Dilma Rousseff de seu cargo executivo com o apoio da grande mídia, e da disseminação de notícias via novas relações de comunicação como o *whatsapp*, e de frações do poder judiciário, e de setores da classe empresarial descontentes com a política econômica dos últimos anos de governo petista reacenderam imbróglios em alas conservadoras da sociedade, cujos intelectuais já bradavam – embora com pouca visibilidade – na internet há algum tempo. Para nos aplicarmos sobre os desafios do ensino de ciências sociais na atualidade, em um contexto pós-golpe, em que a família Bolsonaro se alça ao poder executivo, carecemos antes de nos determos sobre algumas nuances do processo que depõe Dilma e alavanca o crescimento do conservador cuja memória recorre a um passado maravilhoso, completamente dissonante em relação aos estudos acadêmicos tangentes à nossa formação histórica.

Em 2014 Dilma (PT) vence as eleições com 51,64% dos votos válidos em uma disputa acirrada contra o candidato Aécio Neves (PSDB)². As campanhas eleitorais, polarizadas e marcadas por agressões mútuas³, rapidamente tomaram formas de oposição nas ruas e nas casas legislativas. Mal passada a eleição, o primeiro discurso de Neves no senado após a campanha eleitoral⁴, questionando o resultado democrático das urnas, assume, juntamente com “metade do país” uma oposição com o objetivo de impedir o novo governo de governar. Com as reais intenções guardadas sob o véu do discurso anticorrupção, a classe média derrotada nas urnas logo vai às ruas para pedir o impedimento da presidente⁵. A existência de uma intencionalidade por detrás de todas estas ações se reitera na entrevista de Tasso Jereissati, ex-presidente do PSDB, em que realiza uma autocrítica acerca do questionamento das eleições, do trabalho com pautas-bomba no congresso e do embarque no governo ilegítimo de Michel Temer a partir de 2016⁶.

Com a cobertura incessante da grande mídia que associava as investigações da operação lava-jato acerca dos escândalos de corrupção na Petrobrás e em grandes empreiteiras apenas ao PT; com o apoio tácito do judiciário em conduções coercitivas

2 Dilma se diz ‘disposta ao diálogo’ e afirma que país não está dividido. Visto em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-se-diz-disposta-ao-dialogo-e-afirma-que-pais-nao-esta-dividido.html>. Acesso em: 02/01/2019.

3 Dilma x Aécio: A eleição que divide o Brasil. Visto em: <https://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/10/bdilma-x-acciob-eleicao-que-divide-o-brasil.html>. Acesso em: 02/01/2019.

4 Aécio Neves faz seu primeiro discurso em Plenário após campanha eleitoral. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtduYs1zbAI>. Acesso em: 02/01/2019.

5 Os protestos contra o PT: Manifestações pedem o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Visto em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/16/album/1416095665_195366.html#foto_gal_5. Acesso em: 09/01/2019.

6 Tasso Jereissati: ‘Nosso grande erro foi ter entrado no governo Temer’. Visto em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nosso-grande-erro-foi-ter-entrado-no-governo-temer,70002500097>. Acesso em: 02/01/2019.

e quebras de sigilo em ligações telefônicas presidenciais⁷; com as investigações unilaterais realizadas pelo ministério público que afirma, ao investigar o ex-presidente Lula, não ter provas, mas convicções de sua corrupção⁸; com o apoio de grandes associações industriais, como a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)⁹, as manifestações antipetistas passaram a aglutinar públicos cada vez maiores e heterogêneos, enfim unidos em torno de pautas comuns. Mas, afinal, quem são estes grupos? Será que se organizaram, conforme a primeira possibilidade de análise do conceito de guerra híbrida global à partir de meras condições estruturantes externas ou foram, pelo contrário, tragados para um movimento maior através da cooptação de líderes de movimentos de massas em fusão com a anomia social de diferentes camadas identitárias?

Os políticos de oposição tradicionais, alinhados às tendências neoliberais, impac-taram a formação das massas de manifestantes. Entretanto, passam a se despontar como figuras públicas cada vez mais referentes intelectuais e políticos jocosos, há tempos insatisfeitos com a manutenção de um governo progressista. Vestidos com as cores da bandeira nacional e defendendo a ideia de nação por eles construída, diversos institutos e movimentos liberais ensandecidos, bem como movimentos pela volta da monarquia, pela volta da ditadura, e também setores conservadores da igreja Católica e das igrejas neopentecostais lançaram novos quadros políticos, vestidos com nossos símbolos do século XIX, mas travestidos com a “novidade”. Olavo de Carvalho – responsável por indicar o ministro da Educação do governo Bolsonaro – com seu curso online de filosofia disseminador de teorias conspiratórias acerca do “globalismo”; Kim Kataguiri, com seu movimento antiesquerda e o sonho de destruir a União Nacional dos Estudantes; Padre Paulo Ricardo, afirmando que sua igreja está contaminada pela esquerda; clã Bolsonaro, como bastião da moralidade e defesa da família, mas que em seus primeiros meses de governo se mostram atolados em negócios espúrios e supostas associações com milicianos; Miguel Nagib, advogado militante na cruzada contra o envenenamento dos corações e mentes inocentes das crianças nas escolas por professores petistas doutrinadores que querem acabar com a família e os valores cristãos.

7 Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça. Visto em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>. Acesso em: 02/01/2019.

8 “Não temos provas, mas convicção”: o powerpoint de Dallagnol nos jogou de vez no Paraguai. <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-temos-provas-mas-conviccao-o-powerpoint-de-dallagnol-nos-jogou-de-vez-no-paraguai-por-kiko-nogueira/>. Visto em: 02/01/2019.

9 Empresários redobram pressão contra Governo Dilma e cobram apoio do Congresso. Visto em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459289168_509972.html. Acesso em: 02/01/2019.

A crise do *Subprime* em 2008, que surge como consequência da inevitável queda tendencial das taxas de lucro desde fins dos anos 1960 na economia global (CARCANHOLO, 2008) é o começo do fim de um curto ciclo de políticas econômicas progressistas e todo o processo de golpe no Brasil em 2016 recoloca o país na agenda neoliberal de interesse do grande capital (BRAZ, 2017). Entretanto, não foi por isso que observamos as massas patriotas saírem às ruas; o que estava em jogo no Brasil – para todas as figuras do parágrafo anterior e as multidões por elas inflamadas – eram nossos costumes, a família, a inocência das crianças. De onde vem então o avanço do conservadorismo? A defesa dos costumes nada mais é do que a defesa de certos privilégios, garantidos pela ausência histórica de direitos para camadas identitárias diferentes, embora pertencentes a uma mesma classe social. O homem branco passou a se revoltar contra indígenas e quilombolas sob o argumento de que estes se sustentam com impostos por ele pagos; neopentecostais se insatisferam com religiões de matriz africana se manifestando abertamente; famílias se posicionaram contra as cotas raciais, pois estas tiravam da universidade quem realmente merecia; essas ainda se puseram contra educação sexual dado que sua presença nas escolas poderia levar seus filhos a se tornarem homossexuais. Todos estes setores, privilegiados em virtude do arranjo de integração do Brasil na modernidade capitalista através da via colonial (FILHO, 2010), aterrorizavam-se ao observar minorias historicamente subjugadas como a população negra, as mulheres e os LGBTs colocarem-se, bem ou mal, em igualdade de condições para competir no mercado através de políticas de ações afirmativas. Tudo isso em um cenário em que o desemprego passou de 12%.

Daqui surge o conservador de tipo reacionário em vertiginosa proliferação, como comprovam as urnas nas eleições presidenciais de 2018, e ocupando cada vez mais espaço na política. Agora também através de ministérios, secretarias e planos de governo. É conservador, pois tem medo, não quer perder privilégios, não quer correr o risco de perder seu emprego para um negro, uma mulher ou um homossexual em virtude da visibilidade por estes conquistada. Não enxerga a mais-valia que lhe explora e alimenta banqueiros cujos olhos saltam com políticas de austeridade, reformas fiscais e na previdência, mas enxerga em quem pertence à mesma classe como inimigo a ser derrubado. É reacionário, pois estranha no outro o reflexo de si; apega-se a símbolos nacionais que não mais dão conta de expressar a multiplicidade de identidades há tempos suprimida, condenados ao esquecimento pelo esfacelamento da memória através da “mundialização, da democratização, da massificação, da mediatização” (NORA, 1993, p. 8) que esfacela, também, as instituições que antes asseguravam a conservação de valores, como a família, o Estado, a escola e a igreja (NORA, 1993, p. 8). Logo encontram um inimigo comum: o PT. Deste vieram todas as mudanças que se frutificam em medos, levando os conservadores de tipo reacionário a buscarem refúgio em um passado romântico, em que nunca existiram lutas de classes, a família era respeitada, não havia homossexuais e cada um conhecia seu lugar na sociedade. Acreditando nas figuras públicas trajadas de novas, mas que reiteram apenas aquilo que há de mais arcaico em nosso país, vendam seus olhos, dizem de progresso e mantêm os pés voltados para trás.

Um novo macarthismo: a fabricação do professor como inimigo público

Existe uma relação direta e profunda entre o crescimento do conservadorismo que produziu a vitória de Jair Bolsonaro e a construção discursiva que lhe forneceu substrato por meio do Movimento Escola Sem Partido (ESP). Fundado em 2004, este ganhou força e notoriedade após o ano de 2014, quando, após as eleições que conduziram Dilma Rousseff à presidência, começou a aglutinar diferentes setores da sociedade civil. Logo, diferentes lideranças políticas e religiosas começaram a atuar, sobretudo, por meio da formulação de projetos de lei em diferentes espaços da federação visando censurar o trabalho docente e impedir práticas escolares desenvolvidas sob uma perspectiva crítica que passou a ser denunciada como doutrinação ideológica. Fernanda Moura (2016), ao mapear os projetos de lei Escola Sem Partido, revela tal tendência. E assim o docente passou a ser considerado e frequentemente denunciado como doutrinador a ser controlado, perseguido e criminalizado. Conforme Fernando Penna (2016), ainda que o conceito de doutrinação em sala de aula careça de precisão conceitual, as soluções propostas pelo Movimento Escola Sem Partido implicam em uma ideia de ensino supostamente neutro, asséptico, desconectado dos pontos nodais dos debates em torno do tempo presente, como se não coubesse à escola tal reflexão. Coadunam-se de modo muito direto a formulações que incentivam o anti-cientificismo e o anti-intelectualismo.

Poderíamos nos perguntar: Ora, mas como a sociedade permitiu que seus valores fossem subvertidos tão rapidamente? Os intelectuais dos conservadores de tipo reacionário forneceram uma resposta rápida: os valores patrióticos, da família e da liberdade desandaram por conta da educação que os filhos da pátria vinham recebendo. Os que alegavam que as escolas foram aparelhadas pela esquerda para fazer uma revolução no Brasil¹⁰ a partir do que chamaram teorias gramscianas, juntamente com aqueles que defendem o criacionismo nas escolas e a “teoria” da terra plana encontram um guarda-chuva comum para a defesa de suas pautas: o Movimento Escola Sem Partido foi esse guarda-chuva.

Em seu nascedouro o movimento inicia-se como uma “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”¹¹. O ESP não surge financiado por conglomerados empresariais ou com o aval de alguma comunidade científica. Sua gênese se dá na vida cotidiana, em demandas de setores insatisfeitos com políticas de ações afirmativas, principalmente aquelas referentes à

10 A infiltração do marxismo cultural no Brasil - Marxismo Cultural e Revolução Cultural. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhZ8ZRQnePM&index=4&list=PL3C-5CB833F0175C0D>. Acesso em: 02/01/2019.

11 Visto em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em: 24 jul. 2016.

discussão de gênero, rapidamente associadas ao que constituiria um governo de esquerda. De acordo com o movimento, a inibição da prática de doutrinação ideológica – que carece de uma conceitualização (PENNA, 2016) – era dificultada pela ausência de provas do que denunciavam. Há também, como traço característico do movimento, uma cisão entre aquilo nomeado por eles como “educação moral” – atribuição da família – e o ensino escolar, associado à administração dos conteúdos¹².

Desde 2014, os parlamentares da frente evangélica, principalmente aqueles ligados ao neopentecostalismo e à Renovação Carismática Católica (RCC), na crença de estarem travando uma guerra cultural para defender os valores cristãos contra o marxismo e a *ideologia de gênero*, mobilizam suas bases sociais na defesa dos projetos de lei. Os mesmos intelectuais responsáveis por inflamar as manifestações de rua golpistas entre 2014 e 2016 – como Olavo de Carvalho, Kim Kataguiri e Padre Paulo Ricardo – embarcaram na defesa intransigente dos valores da família contra os professores e a escola pública – segundo eles, completamente dominada pelo marxismo. O próprio Miguel Nagib, fundador do movimento, possui associações com os *think tanks*, como o instituto liberal Millenium (MOURA, 2016, p. 23), articulador de massas populares no processo do golpe de 2016. Nesse sentido o ESP se torna, na sociedade civil, um movimento de massas heterogêneo que instaura uma verdadeira perseguição aos professores – e junto com isso uma desqualificação sistemática da educação pública (FRIGOTTO, 2016, p. 11) – no país sob auspiciosos olhares de líderes religiosos fundamentalistas e representantes de ideologias neoliberais no Brasil.

A essa perspectiva que implica na construção da ideia do professor como um sujeito abjeto, a ser colocado permanentemente sob suspeita, soma-se um discurso que desconhece e rejeita a escola como instituição central da esfera pública, equalizadora da grande diversidade de perspectivas de mundo e posições derivadas das perspectivas familiares e subjetivas. Assim nasce e se desenvolve com força, por exemplo, a defesa do *homeschooling* e da educação à distância como modos de reduzir o sentido da profissão docente.

Por meio da exploração de generalizações pautadas em simplificações explicativas e fragmentos, a figura do professor vai sendo construída eivada de preconceitos, o que tem resultado não só em discursos de ódio contra professores por parte de diferentes setores da sociedade, como também se dissemina uma visão de aluno como um ser passivo, não pensante, acrítico, catatônico. Uma folha em branco sobre a qual os professores escrevem suas próprias preferências ideológicas através da discussão de problemas postos no tempo presente e na vida cotidiana.

Quando voltamos nosso olhar para um passado recente podemos perceber que o medo do outro, inspirador do surgimento de discursos de ódio, gerou em tempos de

12 Visto em: <http://www.escolasempartido.org/objetivos>. Acesso em: 02/01/2019.

Guerra Fria nos Estados Unidos iniciativas coordenadas pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957), político que, de acordo com Mello e Pereira (2017),

durante o tempo em que exerceu mandatos no Senado dos Estados Unidos, 1947 a 1957, [o senador] disseminou brutal campanha de ódio no país, a pretexto de combate ao comunismo. Qualquer pessoa que se posicionava contrariamente às ideias políticas do grupo ideológico ao qual ele pertencia, era logo denunciado e processado, amiúde sob a acusação de traição. (MELLO et PEREIRA, 2017, p. 2713.)

Se atravessarmos o oceano Atlântico e nos dirigirmos ao contexto da Guerra Civil espanhola, nos damos conta da incidência de práticas de perseguição e extermínio de professores, tal como o que se notabilizou pelo trabalho de Sebastián Gertrúdx e Sergi Bernal (2018), que se debruçaram sobre o destino dramático da vida de Antoni Benaiges Nogués, um professor marcante e singular, adepto da Pedagogia Freinet que, por ousar ensinar a seus alunos a ler e escrever crônicas em torno de suas vidas cotidianas, foi preso e fuzilado antes que pudera cumprir uma promessa feita a seus alunos: levá-los para ver o mar que tanto tinham imaginado nos escritos que escaparam do massacre e perseguição estabelecida pelas tropas franquistas, às quais cabia a busca e perseguição dos professores e seus métodos inovadores.

Talvez seus algozes tivessem muito do que caracteriza hoje a ação do ESP no Brasil: a prática de insinuar acusações sem provas, as atitudes ofensivas e truculentas, assim como o uso da violência simbólica como mecanismo de imposição em debates. Pode ser que o ESP, preocupado com anteprojetos de lei, tenha se tornado um feitiço que fugiu ao controle do próprio feiticeiro em virtude das práticas por ele inauguradas, bem como pela velocidade de disseminação de notícias falsas na internet na atualidade.

Nesse sentido, o pastor Marco Feliciano, ao debater no Congresso Nacional sobre o projeto de lei PL7180/14 Escola Sem Partido afirma que, mesmo que o projeto não vença, já é vitorioso. Agora será mais difícil para as escolas gerarem mini che-guevaras, pois os doutrinadores estão morrendo de medo, as famílias e os alunos estão atentos e em 2020 chegará uma tropa de choque do PSL (Partido Social Liberal)¹³.

O imaginário do inimigo em comum, presente no processo do golpe em 2016, no ESP e agora no cotidiano escolar é terreno fértil para o desenvolvimento do conservador de tipo reacionário, que agora estimula a filmagem de professores em sala

13 Pr. Marco Feliciano confronta a esquerda no Escola sem Partido. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ml0NmqdPQs>. Acesso em: 02/01/2019.

de aula para denunciá-los, processá-los e notificá-los extrajudicialmente¹⁴. Hoje no Brasil o professor de ciências sociais está sobressaltado, atento a cochichos e celulares, ressaltado ao tangenciar temas socialmente vivos em nosso presente.

Devemos abandonar as questões socialmente vivas ou abordar os próprios ataques à educação democrática, cuja tática elegeu o novo presidente do Brasil, também como questões caras ao debate plural em nossa época? Qual o lugar social e político do ensino de ciências sociais no tempo presente?

Convivemos com uma nova – velha – direita raivosa e agora no poder. Nosso atual presidente propaga e dá voz institucional a estas práticas ao alegar, por exemplo, que o regime militar dos anos 60-70 foi uma exigência da sociedade, e que salvou o Brasil de um golpe socialista e gerou pleno emprego, segurança e respeito aos “humanos direitos” e todo aquele que prega o contrário envenena os alunos brasileiros com ideologias nefastas¹⁵. Vêlez Rodríguez, ministro da educação, afirma que uma das prioridades do ministério será “combater o que se denominou de ideologia de gênero, com a destruição de valores culturais, da família, da igreja, da própria educação e da vida social”¹⁶. No momento atual, a grande ação governamental se concentra sob uma vasta ação policial de busca de irregularidades e criminalização das Universidades, em bases muito similares àquilo que caracterizou o Lawfare presente no julgamento do ex-presidente Lula.

Todos estes elementos são característicos de nosso próprio tempo, de nossas contingências como seres sociais historicamente situados em uma realidade iminente, dada, sobre a qual temos nossas intencionalidades e dirigimos nossas ações (LUKÁCS, 2013). Nesse mesmo sentido Marc Bloch (1996) nos alerta que a História, como ciência dos homens no tempo, parte sempre do sujeito vivo no presente. Sujeito este que questiona e formula problemas acerca de sua realidade através de uma série de procedimentos. A massificação, a disseminação vertiginosa de informações que carecem de fontes, o par teleologia e causalidade, a construção social da memória e do que nomeamos como passado, portanto, são problemas postos, socialmente vivos na vida cotidiana, categoria que medeia a relação entre as estruturas econômicas de produção e o desenvolvimento da personalidade através das respostas que escolhemos dar às alternativas colocadas pelo presente a nós (LUKÁCS, 2013), categoria que pode colaborar em nossa reflexão sobre as possíveis respostas dos usos do conceito

14 Ana Caroline Campagnolo: “Alunos, filmem todo abuso de doutrinação ideológica”. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZkhmhvQWjQ8>. Acesso em: 03/01/2019.

15 **O EXÉRCITO SALVOU O BRASIL DO COMUNISMO**. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=sPOAfcfM0L8>. Acesso em: 03/01/2019.

16 **Ricardo Vêlez Rodríguez elenca prioridades de sua gestão no MEC e anuncia novos secretários**. Visto em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=72451>. Acesso em: 03/01/2019.

de guerra híbrida global. Como problemas, se fazem presentes na sala de aula, no desenvolvimento das ciências e nas angústias diárias de famílias, alunos e professores.

Portanto, nosso lugar social e político deve aproximar-se do imperativo categórico das práticas e usos de procedimentos, caros às ciências sociais academicamente constituídas, no interior das salas de aula. Nosso lugar é o lugar da contextualização, da comparação, da dedução, da referência, da empatia histórica e da alteridade. Estamos no campo do adversário, mas devemos erguer nossas cabeças e firmar o compromisso histórico por nós assumido em nosso processo de profissionalização, assim como tantos outros que tornaram nossas ciências como elas são. Marx não se calou diante da mais-valia; Benjamin não se calou frente ao progresso bárbaro; Bloch não se calou frente ao fascismo; Gramsci escreveu no cárcere. E todos estes se detiveram sobre questões caras aos seus respectivos presentes. Diante dos muros que se erguem devemos, portanto, refletir sobre que tipo de presente queremos escrever.

O professor catalão Antoni Benaiges faleceu em 1936. Não teve tempo de levar suas crianças para ver o mar tão sensivelmente imaginado, descrito, trabalhado, como é possível observar na trama e nos rastros dos cadernos de classe em que a voz e a prática daquele professor pode ser auscultada. Fuzilado, seu corpo foi amontoado a outros corpos perseguidos na grande fossa de republicanos trazida à tona do tempo no verão de 2010. Seu crime? Ser professor. Ensinar às crianças sobre como ler o mundo, como pensar, como imaginá-lo sob lentes de esperança. Sob a tarefa permanente da memória podemos tomar Antoni Benaiges como semente de uma resistência que segue no tempo presente e que, por certo, se converterá em novas sementes ao longo da passagem do tempo.

Bibliografia

ABREU, J., ALLEGRETTI, G. (2016). Comportamento político violento e avanço global da direita: uma análise do caso brasileiro. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, 6(2), 88-121.

ALLCOTT, H., GENTZKOW, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of economic perspectives*, 31(2), 211-36.

BRAZ, M. (2017). O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. *Serv Soc. Soc*, nº 128, 85-103.

CARCANHOLO, R. (2009) *A atual crise do capitalismo*. Crítica Marxista, n. 29, p. 49-55.

CHASIN, J. (1978) *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas LTDA.

- FELICIANO, M. (2014). PL 8099/2014, Câmara dos deputados.
- FILHO, A. R. (2010) A teoria da Via Colonial de objetivação do capital no Brasil: J. Chasin e a crítica ontológica do capital atrofico. *Verinotio: revista on-line de ciências humanas*. (11) – Publicação semestral.
- FRIGOTTO, G. (2016) “Escola sem partido”: imposição da mor- daça aos educa- dores. *e-Mosaicos*, 5(9), 11-13.
- GABRIEL, C.T., MONTEIRO., A. M; MARTINS, M. L. (2016.) *Narrativas do Rio de Ja- neiro nas aulas de história*. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 46.
- GERTRÚDIX, S., BERNAL, S. (2018) *El mar será*. Maçanet de la Selva: Gregal.
- G1. (2015) Manifestações contra Dilma ocorrem em todos os estados [http:// g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/manifestacoes-por-impeachment-de-dil- ma-sao-registradas-pelo-brasil.html](http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/manifestacoes-por-impeachment-de-dil- ma-sao-registradas-pelo-brasil.html) do Brasil. *G1*
- KORYBKO, A. (2015). *Guerras Híbridas: a abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime*. Projeto do Institute for Strategic Studies and Predictions PFUR: Moscou.
- KOSELLECK, R. (2006). *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos his- tóricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio
- KLEIN, N. (2008). *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Nova Fronteira.
- LUKÁCS, G. (2013) *Para uma Ontologia do Ser Social - volume 2*. Boitempo Edi- torial: São Paulo
- MOURA, F. P. (2016). “Escola Sem Partido”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NORA, P. (1993) *Entre memória e história: a problemática dos lugares*: tradução de Yara Aun Khoury. Proj. História, 7-27.
- PENNA, F. A. (2016). *Programa “Escola sem partido”: uma ameaça à edu- cação emancipadora*. *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história*. Rio de Janeiro: Mauad X, 43-58.
- PEREIRA, A. C; DE MORAES, C. (2017) O discurso do ódio, o direito e a democracia. *Revista quaestio iuris*, 10(4), 2712-2727.

SANTOS, B. S. (06 de dezembro de 2018). Agressividade da direita é um fenômeno global. *Portal Geledés*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/agressividade-da-direita-e-um-fenomeno-global-por-boa-ventura-sousa-santos/Acesso>.